

# AS CAUSAS DA FREQUÊNCIA DO SUICÍDIO\*

## THE CAUSES OF THE FREQUENCY OF SUICIDE

Émile Durkheim\*\*

Este livro é o primeiro estudo com uma visão geral que apareceu sobre o suicídio depois da obra que nós publicamos em 1897. Como costuma acontecer com esses tipos de tratados que pretendem ser mais ou menos completos, ele repete, em mais de um ponto, os trabalhos anteriores. Em nossa análise, nos limitaremos a realçar o que ele traz de novo, seja como fatos, seja como ideias.

O plano seguido é clássico. Inicialmente, o autor investiga qual pode ser a influência dos fatores cósmicos ou orgânicos sobre a mortalidade-suicídio. A última parte do livro é dedicada aos fatores sociais. Entre os dois, se intercalam dois capítulos, um sobre

os motivos individuais do suicídio, outro sobre as formas de suicídio, cujo lugar, diga o que disser Sr. Krose, não deixa de surpreender. Eles interrompem a continuidade da pesquisa.

Sobre os fatores cósmicos e orgânicos, a conclusão do autor é mais ou menos negativa: ele não lhes imputa senão uma ação muito restrita. Em relação ao clima e à temperatura, ele aceita a conclusão às quais nós tínhamos chegado: se o suicídio aumenta de janeiro a junho, é porque a duração da jornada social vai aumentando durante esse mesmo período. O mesmo ocorre em relação aos estados psicopáticos: os novos documentos elaborados pelo Sr. Krose ten-

\* Resenha de autoria de Émile Durkheim, sobre o livro de H. A. Krose, *Die Ursachen der Selbstmordhäufigkeit*, Freiburg-i-B., Herder, 1906, VII-169 p., publicada originalmente In: *L'Année sociologique*, Tome XI, 1906-1909, Paris: Félix Alcan, 1910, pp. 511-515.

Tradução de José Benevides Queiroz, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Luis, MA, Brasil. E-mail: jose.benevides@ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5622-0163>.

\*\*Émile Durkheim (1858-1917). Normalien, agrégé de philosophie, fundador da sociologia francesa.



dem a confirmar que não há relação direta entre a taxa social de suicídio e a alienação mental (p. 40ss). A influência do sexo e aquela da idade são incontestáveis, mas são formas particulares de influências sociais. Uma tabela elaborada pelo nosso autor (p. 22) mostra muito nitidamente que a participação feminina no conjunto dos suicídios foi regularmente diminuindo desde o começo do século XIX. Portanto, a fraca inclinação ao suicídio, que temos observado universalmente nas mulheres, deve-se a causas, não orgânicas, mas históricas. Tornando-se mais urbana, a civilização parece ter tido o efeito de diferenciar ainda mais os dois sexos. As mulheres na cidade são mantidas mais afastadas da vida social mais importante e, como resultado, são menos afetadas por ela. Em relação à idade, o autor trata da questão do suicídio infantil; dos dados reunidos por ele, resulta com evidência que o número desses suicídios aumenta em todos os Estados europeus, exceto, talvez, na Inglaterra, onde é relativamente constante. Este mal, portanto, não é peculiar à França e não se deve, como já foi dito, a tal ou qual particularidade de nossa organização social (p. 33-38).

Há seis fatores sociais cuja ação o Sr. Krose tenta determinar: a natureza do habitat e a densidade relativa da civilização, o estado civil, a função e a condição sociais, a cultura intelectual, a moralidade coletiva (*Volkssittlichkeit*), a confissão religiosa. Sobre esses diferentes pontos, ele fornece um certo número de documentos que confirmam os resultados anteriormente obtidos.

Em nosso *O Suicídio*, pudemos mensurar a influência exercida pela vida familiar por meio de uma tabela, onde a ação do estado civil, considerada separadamente, foi estabelecida para cada faixa etária. O autor, que reproduz esta tabela, confrontou-a com

duas outras, cujos elementos ele tomou emprestado das estatísticas suíças e suecas. A primeira está de acordo com a nossa em seu conjunto. A segunda, ele ressalta igualmente que as pessoas casadas gozam de certa imunidade, porém, sobretudo no que concerne às mulheres, ela seria tão extraordinária que nos deixa um pouco cético. Os solteiros de 20 a 25 anos se matariam 16 vezes mais que as mulheres da mesma idade, e 8,5 vezes mais do que estas na idade seguinte. Em seguida, bruscamente, os números decrescem: aos 40 anos, o coeficiente de preservação não seria mais que 1,5 e, para além dos 70 anos, ele se transformaria até mesmo num coeficiente de agravamento (0,78). Por outro lado, as viúvas se matariam 64 vezes mais do que as mulheres casadas com idade entre 20 e 25 anos, e 11 vezes em relação àquelas entre 25 e 30 anos. Em seguida, um decréscimo ainda mais brusco produzir-se-ia e, a partir dos 60 anos, ocorreria uma inversão; as viúvas seriam beneficiadas (73 suicídios de viúvas para 100 das solteiras). A situação que esta estatística parece revelar está tão em desacordo com o que sabemos, que nos interrogamos se não terá havido algum erro. O que reforça nossa suspeita é que, já em 1878, Bertillon publicara os resultados de uma estatística sueca, cuja imprecisão pudemos demonstrar em 1897 (*O Suicídio*, p. 179, nota n. 2). Aliás, chama muito à atenção que essas duas estatísticas não estejam de acordo entre si. Segundo os números fornecidos por Bertillon, a imunidade dos maridos aumentaria até o fim da vida e a das esposas até a idade de 75 anos. Além disso, a imunidade das mulheres seria sensivelmente inferior àquela dos homens. Diferentemente, segundo a tabela de Krose, são as mulheres que seriam mais favorecidas pelo casamento; ademais, para os dois sexos, o coeficiente de conservação di-

minuiria a partir dos 25 ou 30 anos e tornar-se-ia muito baixo entre os 40 e 50 anos de idade, diminuindo ainda mais nas idades posteriores. Portanto, parece-nos prudente acolher com muita circunspeção as informações que têm essa origem.

O alcoolismo é tratado a partir da moralidade coletiva. O autor não tem dificuldade em demonstrar que, embora o consumo excessivo de álcool possa ter algum papel no aumento da mortalidade por suicídio, sua influência, no entanto, está longe de ser tão decisiva como disse Prinzing, por exemplo. Não existe entre esses dois fenômenos relações definidas e regulares (p. 125ss). Este é um fato que não é sem importância observar, numa época em que se imputa facilmente ao alcoolismo todos os males dos quais sofremos.

O capítulo sobre as relações do suicídio com a confissão religiosa é mais extenso e mais robusto (p. 137-165). Com uma grande abundância de provas, a imunidade relativa que confere o catolicismo é novamente demonstrada. Por outro lado, a partir de fatos que ele toma emprestado, especialmente de uma obra de Rost<sup>1</sup>, parece que o coeficiente de preservação desfrutado pelos Judeus tende cada vez mais a diminuir: de 1844 a 1856, um milhão de Judeus da Baviera registraram anualmente apenas 105 suicídios, foram 115,8 entre 1870 e 1879, 185 entre 1880 e 1889, e entre 1889 e 1899, 212,4, ou seja, um pouco mais do que os protestantes (210,2). À medida que a população judaica é mais assimilada à população em geral, ela perde suas virtudes tradicionais, sem eventualmente as substituir por outras. Este é um caso particular de uma lei muito geral: um agrupamento social que possui uma cultura

moral *sui generis* dificilmente pode mudá-la sem correr o risco de se desestruturar moralmente. Contudo, para poder dar aos dados precedentes sua verdadeira significação, é necessário não perder de vista que os Judeus vivem, sobretudo, nas cidades e que, por si mesma, a vida urbana impele ao suicídio. Do fato de que os Judeus de hoje se matam tanto ou mais do que os protestantes não se segue, conseqüentemente, que o judaísmo tenha uma ação preservadora menor ou simplesmente igual àquela do protestantismo. Para mensurar exatamente a influência do fator confessional, seria necessário eliminar o fator urbano comparando somente as populações do mesmo espaço.

Por uma questão de detalhe, o Sr. Krose formula uma observação que, se confirmada, não deixaria de ser interessante. Muitas vezes somos levados a crer que, quando uma Igreja se encontra em situação de ser minoria num país, tem uma constituição moral melhor e, conseqüentemente, uma menor propensão para o suicídio. Com efeito, é compreensível que, para poder lutar contra a hostilidade da população em que se encontra inserida, ela seja levada a submeter-se à uma disciplina severa. Ora, se há efetivamente alguns fatos que tendem a confirmar a realidade dessa relação no que concerne ao protestantismo, parece, diversamente, que o catolicismo perde sua virtude profilática quando ele não é a religião da maioria. Quanto mais os católicos estão misturados com crenças de confissões diferentes, mais também sua força de resistência ao suicídio diminui. Parece que a fé católica só pode manter a sua autoridade sobre as consciências se não tiver de suportar a contradição.

1. *Der Selbstmord in seiner Beziehung zur Konfession und Stadtbevoelkerung in Baiern* In: *Historisch-politische Blätter*, CXXX, München, 1902.

A conclusão que o autor extrai deste estudo comparativo é que o fator religioso é o único cuja ação é suficientemente profunda para revelar-se em todos os casos e em todas as combinações de circunstâncias. A influência dos outros teria alguma coisa de mais incerta e de mais contingente (p. 138). Na verdade, de par da religiosidade e da irreligiosidade dos povos, há um outro fato que ele é obrigado reconhecer a importância sob essa relação: a tendência ao divórcio. Porém, ele acredita que ela depende estreitamente da fé. Esse privilégio da religião, o Sr. Krose não o reivindica somente para o catolicismo. Ele avalia que toda confissão pode ter o mesmo efeito, desde que ela condene o suicídio e creia em uma vida futura. Tudo depende da força com que essa fé está gravada nos espíritos.

Esta interpretação dos fatos nos parece totalmente inadmissível. Primeiro porque, se fosse a crença na vida após a morte que explicasse a ação da religião, não se compreenderia a razão do protestante ser, nesse ponto, inferior ao católico; porque um país, como a França, onde a fé está profundamente abalada, não é mais inclinada à morte voluntária do que a religiosa Alemanha; porque especialmente o judaísmo poderia, por muito tempo, ter sustentado a comparação com o catolicismo, embora as ideias relativas à vida futura sejam aí de origem relativamente recente e não sejam consideradas como um dogma fundamental: é sobre a terra que o Judeu espera ou teme as sanções divinas. Para compreender ao que se deve o benefício da religião, é necessário, em lugar de considerá-la em si mesma e como um tipo de fato único e incomparável, relacioná-la a outros fatos similares que têm sobre o suicídio uma ação de semelhante natureza. Fora a fé religiosa, há a fé política e o patriotismo, que agem da mesma manei-

ra e sobre os quais o Sr. Krose erra ao não falar deles. Além do agrupamento confessional, há o agrupamento familiar, do qual ele reconhece, ao longo do seu estudo, a feliz e muito poderosa influência, mas que ele não leva em conta em sua conclusão. Quando estes diversos fatores se aproximam uns dos outros e do fator religioso, este surge sob um aspecto completamente diferente. Foi o que tentamos mostrar em outro lugar.

O radicalismo simplista desta conclusão decorre, em parte, do método seguido pelo autor. Ele raciocina como se houvesse apenas um tipo de suicídio e de corrente suicidógena: ora, na realidade, há vários, como tentamos estabelecer. Se a religião se preserva do suicídio, ela pode também o induzir; e os suicídios para os quais ela nos inclina são muito diferentes daqueles dos quais ela nos desvia. Os intelectuais matam-se muito, assim como os suboficiais, mas são duas espécies de suicídios que importa distinguir. Por conseguinte, é compreensível o quanto há de excessivo querer fazer depender a mortalidade-suicídio de um só e único fator.

**Recebido em: 05/08/2021**

**Aprovado em: 05/08/2021**